

Dados da Ficha	
Palavras-chave	Suinocultura, cooperativa, agricultura, AURORA, mercado internacional.
Entrevistado:	Mário Lanznaster (ML)
Idade:	NI
Entrevistadora:	Andressa Krieser Bauermann (AB) Marlon Brandt (MB)
Data da Entrevista:	NI
Transcrição da entrevista:	NI

AB - Poderia nos dizer onde nasceu, estudou e como apareceu a oportunidade de trabalhar na região?

ML - Bem, eu sou catarinense, do Vale do Itajaí, nasci em Presidente Getúlio. Filho de, é, meu pai foi plantador de fumo. Quinze irmãos. E... com doze anos sai de casa, é... foi a única chance que tinha de estudar, fui estudar em seminário. Fiquei sete anos em seminário, é... cinco em Salete, município de Salete, dois em Azambuja, Brusque, o seminário foi feito em Santa Catarina. Terminado o seminário o pai deu o recado pra minha mãe, o pai era meio durão, daqueles bem, né, que eu havia ganhado então a minha herança. Minha herança era isso. [**AB** - O estudo...] O estudo. Até faltava um ano ainda pra fazer o vestibular, porque naquele tempo no seminário não era o científico, era o clássico, ou seja línguas. Mais é... línguas, inclusive línguas da [latina] né que a gente estudou tudo no seminário né, Francês, Italiano, Espanhol, até o Latim, até o Grego, né, tudo essas língua aí a gente tinha, tinha muita afinidade. Aí quando foi pra fazer filosofia daí eu saí. Saí e fui pra vida. Fui trabalhar em Blumenau um pouco e por lá já puxei a primeira encrenca na vida né, que respondi pro chefe, o chefe me mandou embora, porque ele me mandou comprar cigarro e eu não sabia se ele fumava com, com filtro ou sem filtro, naquele tempo... nem sei se cigarro hoje tem opção, tem opção? [Sobreposição de vozes] [**AB** - Não sei, eu não sou fumante] Tá bom, daí eu comprei pra ele o cigarro, maço de cigarro, é, com filtro, e aí entreguei na mesa dele, aí ele disse, ele não tava lá na hora, quando ele voltou ele veio pro meu lado, eu não fumo com filtro, eu fumo sem filtro. Eu disse pra ele, problema é seu. Aí ele me disse: não, vai lá trocar. Eu não vou trocar. Que era [incompreensível] que tinha na frente, no outro lado da rua, lá na igreja de São Paulo, lá em Blumenau. Eu não vou trocar, troca porque senão eu te mando embora. Manda. Me mandou. Minha primeira demissão foi essa [risos] e foi bom, foi bom pra mim porque eu já, peguei, peguei o ônibus e fui à Porto Alegre, não tinha nada, não tinha nada a perder também né. Podia ter ido à São Paulo, podia ter ido à Curitiba, mas resolvi ir à Porto Alegre.

Lá então eu consegui fácil emprego porque naquele tempo eu tinha aprendido no seminário datilografia [incompreensível], é datilógrafo, então a gente não precisava nem olhar na máquina pra escrever, então naquele tempo era uma característica muito forte. Arrumei emprego na hora lá em Porto Alegre, depois me apresentei, eu tive que apresentar a terceira carteira de reservista né?! Ou serve ou faz a terceira, você fez, você serviu ou não? [MB - Não, não cheguei a servir] O senhor fez a terceira. Daí eu fui lá pra fazer a carteira de reservista porque no seminário não precisava se apresentar no quartel, aí o cara me disse lá que eu era muito estudado pra época, né, na época pra servir no quartel, já me pediu pra servir no setor, centro de preparação dos oficiais de reserva, tanto é que hoje eu sou oficial do exército. Não é hoje né, é desde aquela época. Eu passei a... eu sou tenente do exército e tive que fazer C.P.O.R., então eu fazia C.P.O.R. durante os fins de semana, as férias de julho eu fazia C.P.O.R., dezembro eu fazia C.P.O.R., o resto do ano eu trabalhava na [Wallig] e a noite estudava. Não tinha tempo pra nada, estudava. Daí fiz o vestibular em Porto Alegre, passei em Agronomia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e me formei em sessenta e sete, vai fazer cinquenta anos agora de formado. E... daí eu fiz a opção de trabalhar, como eu não ia pra casa nem nas férias, fiquei aqui uns dez anos sem [praticamente] ir pra casa. Daí eu fui fazer diversos estágios, fiz estágios, os mais diversos aqui no Rio Grande do Sul mesmo, mecânica de tratores, apicultura, citricultura, mas também fui fazer um estágio bom em Itabuna, perto de Ilhéus na Bahia, sobre cacau, né. Porque que eu fui pra lá, fui pra lá porque... pra preencher minhas férias, que dinheiro pra ir pra praia não tinha, né, daí lá era remunerado né, então fui pra Itabuna. Quando saí de Ilhéus, fiquei quarenta e cinco dias lá, saí com emprego garantido, só terminar o ano em Porto Alegre e podia ir pra lá. Por que? Porque eles queriam montar uma suinocultura na Bahia, né, e o Rio Grande do Sul nessa época ele era bom, meus professores também de suinocultura eram bons, né, bons professores e tal. E... daí quando me formei eu pensei assim, pô, ir daqui a Bahia de novo, três dias e três noites de ônibus, eu vou tentar fazer o teste aqui na ACARESC, na ACARESC hoje EPAGRI, em Florianópolis. Fui fazer o teste e passei. Aí na hora de escolher o município pra trabalhar, aqui não conhecia nada, né, no Oeste e eu sempre gostei de desafios. Daí fui ver os municípios pra escolher, tinha Pinhalzinho, Modelo, Maravilha, Cunha Porã, Saudades e escolhi pelo nome, Modelo, Modelo deve ser bonito, vou pra Modelo. Quando cheguei aí, passei por treinamento lá em Florianópolis, quando cheguei viemos de Jipe até aqui, de Florianópolis até aí, tinha muito pouco asfalto. Quando foi pra sair de Chapecó, pra, pra chegar em Modelo não tinha nem ponte, era balsa. Aí pensei, tô fudido [risos], só, num mato sem cachorro. Mas fui, fui pra Modelo, cheguei lá, foi feito lá o pessoal, o Werner, naquele tempo o prefeito era o Werner,

que fez a recepção e tal. Daí fui para o escritório e comecei a trabalhar. E... fiquei um ano e pouco em Modelo. Aí abriu uma vaga em Chapecó, ah eu já aproveitei e vim pra Chapecó, porque cidade maior né, tinha mais conforto, lá em Modelo não tinha nem energia elétrica. Imagina, a gente viver em Porto Alegre, uma cidade grade, né, relativamente grande, num Modelo aí, lugar que tu não tinha pensão, nem parar em Hotel. Então, mandava lavar roupa, lá, lá perto da cidade lá, é... eu conheci, eu fui conhecendo depois o pessoal lá e conheci a minha namorada e casei com ela, tô até hoje casado, minha atual esposa. E tivemos quatro filhos, dois casais e seis netos. Então quando vim pra Chapecó então, já fiquei mais como extensionista no interior de Chapecó, fiquei mais. Não deu um ano, aí fui indicado, eleito coordenador de suinocultura, que meu forte sempre foi suínos, e aí então eu atendia de Seara pra todo Oeste, todo Oestão. Na suinocultura. A minha especialidade, fui jurado internacional de suínos também, daquela época até hoje já tem granja de suínos, crio suínos, minha especialidade é suínos, não tem. Comecei com nove matrizes, tenho hoje mil e seiscentas, e quem trabalha, e quem trabalha na granja, vai me suceder os filhos, né. Tem um que é agrônomo, um outro administrador de empresas, uma engenharia de alimentos e uma outra é, é, bacharel em direito. E hoje eles trabalham lá conosco lá na granja, então não precisam procurar serviço pra lá e pra cá. Querem ir lá trabalhar, trabalha, se não quiser vai procurar serviço, aqui comigo não. Eu não aceito parente aqui dentro de jeito nenhum, nem na Alfa onde eu trabalhei na Alfa não, nunca, quer dizer, na Alfa quando eu saí já tinha uma menina foi lá como bacharel, mas daí eu saí, tava saindo de lá e vim pra cá. Bem, aí fiquei até setenta e quatro na extensão rural, ou seja, cuidar de suinocultura. Genética de suíno, toda a granja do Oeste, eu conhecia tudo. É... depois de lá pra cá as agroindústrias começaram elas é... tinha a Perdigão, Sadia, Saic, Seara, Aurora começou em setenta e três, é, [montar] seu trabalho de suinocultura. Até então a ACARESC fazia, de lá pra cá, é... de setenta e quatro pra cá as agroindústrias começaram a fazer. Então a gente tinha que escolher animais pra eles, pras agroindústrias também, pros criadores, de Modelo ali a região. Ia pra São Paulo, ia pro Rio Grande do Sul e por aí. Aí depois quando eu, em setenta e quatro, eu, insistiram bastante eu saí da ACARESC pra mim trabalhar na Aurora, a Aurora tava mal e mal começando e ela não, a suinocultura naquela época não estava nada organizada. Naquele tempo se criava porco solto assim e os mais antigos lá de Modelo, aqueles mais, mais veio lá, eles sabem muito bem disso. E naquele tempo nem, nem a ração equilibrada se dava, proteína, minerais, aminoácidos, essas coisa não tinha nada, não se dava. É... jogava as espigas de milho lá, um pouco de [AB – Mandioca, abóbora...] mandioca, um pouco de abóbora, essas coisa assim. Aí então a, a, a gente começou a ir atrás de genética, ou seja, naquele tempo ainda os suínos que

tinha era porco preto, criado solto assim, genética era naquele tempo uma raça mais bem recomendada era o Duroc e Landrace, depois mais tarde veio o Large White também. Então a gente tinha que escolher onde tinha animais, é, São Paulo, Paraná também tinha alguma coisa, Rio Grande do Sul... Compravam, financiavam, faziam financiamento pros agricultores, traziam, financiavam chiqueiro também, essas coisas todas pra eles criarem bem. Eu acho que o que me, me, me, o que, o que fez com que eu viesse, fosse convidado pra vir pra Chapecó foi exatamente isso, os financiamentos que eu fazia. Então pegava, encaminhava, um conhecido, chegou a conhecer o [nome próprio incompreensível]? [AB- ähnähn] O [nome próprio incompreensível] é lá de, de, de Modelo, foi meu secretário, ele era secretário lá. Então a gente encaminhava o financiamento, BRDE, e vinha o dinheiro, então a gente no, em Pinhalzinho, não tinha banco em Modelo, pra pegar o dinheiro junto com o agricultor [AB - o banco era só mais tarde] É? [AB - É, o banco veio só mais tarde], só mais tarde... Aí era Banco INCO naquele tempo, banco não sei se era o Sul Brasileiro, sei que a gente ia pra pinhalzinho pra pegar o dinheiro e os agricultores compravam a madeira pro chiqueiro e tal, a gente fiscalizava, orientava, e isso fez com que logo em seguida a ACARESC me convidasse pra vim pra Chapecó, eu vim pra Chapecó. E... daí fui indicado como coordenador de suinocultura e já comecei a criar granja também, de tanto é que eu gostava de suíno. Comecei uma granja com nova matriz, daí chamei o meu irmão que, que era sócio comigo aqui pertinho de Chapecó, e eu então fora do experiente, fim de semana também ia lá pra granja e, e continuei, depois, até hoje tenho suínos ainda, mil e seiscentos matriz, dá mais ou menos uns [quatorze mil] suínos que eu tenho hoje, bastantinho, hoje é grande, mas ao longo de cinquenta anos se não aprende alguma coisa então vai aprender quando. Mas é... meu xodó sempre foi suinocultura. Daí em setenta e quatro o pessoal já, da Aurora me convidou pra vir pra Aurora pra organizar a [inseminação], ou seja, a produção. Porque quando vinha lavoura de milho, o pessoal pegava os animais, cercavam, botavam lá nas encerra e dele milho e engordava ligeiro e daí entregava nos frigoríficos, tinha muita oferta nessa época então, mas quando chegava nessa época do ano, setembro, outubro não tinha mais porco [AB - Sim, porque não tinha...] Não tinha mais. Quer dizer, aí as porca entravam em cio só uma vez por ano e aí tinha animal de [incompreensível], aí não tinha mais. Aí a gente organizou toda essa integração que está até hoje, hoje agora abate já dezoito mil suínos por dia e todo dia é sagrado, dezoito mil, dezoito mil, dezoito mil... mas para organizar isso não foi fácil né, porque aí tem, tem cobertura, tem [incompreensível], tem, todo dia, todo dia tem nascer animal, tem que entrar animal pra engorda, tem que ter isso, ter aquilo... pra funcionar pra ter aquela engrenagem que as indústrias precisam hoje, tanto em suínos, quanto em aves, seja lá,

a produção de leite também. Aquele tempo leite, tinha mais leite no verão que no inverno, hoje é mais leite no inverno que no verão, hoje mudou, já virou, por que? Naquele tempo não tinha pastagem de inverno [AB - Sim] né, hoje tem pastagem de inverno. Hoje trabalha no inverno e no inverno pra, pra bovino, é, Holandês, pro Jersey também, eu creio é mais favorável, mais saudável, né, pra eles também, então dá mais leite. Hoje tá bem equilibrado, hoje a Aurora tem uma indústria só de leite aqui em Pinhalzinho, recebe um milhões e quinhentos mil litro/dia. Eu coordenei a [produção] na indústria também, tudo. E vão ter que duplicar, vão ter que ir pra três milhões de litro/dia. Mas vai ser aqui em Pinhalzinho. Por que? Porque é um centro geográfico bom e aonde o crescimento tá aumentando bastante. Eu não sei, o Bauermann lá entrega pra quem, pra, pra...? [AB - Ele entrega pra Cooper Itaipu que manda pra...] pra Aurora [AB – Isso, que manda pra Aurora de Pinhalzinho] Sim, a Aurora de Pinhalzinho. É... então naquele, naquele é... do leite a Aurora entrou, a última coisa a entrar foi o leite. Ela foi constituída em mil novecentos e sessenta e nove pra resolver o problema da suinocultura dos agricultores associados às cooperativas, e um, uma das coisas era organizar a produção. Aí em vim pra Aurora, me contrataram em setenta e quatro como assessor técnico da Aurora. Em oitenta e sete eu saí, quando saí da Aurora pra ir pra Alfa que é uma das cooperativas da Aurora, que entrega pra Aurora, eu já era diretor industrial, ou seja, cuidava de quatro, tinha, quatro, cinco indústrias de suínos e uma indústria de frango. O de frango foi eu que construí também, foi lá em Maravilha, aquela indústria eu que botei o nariz lá pra escolher terreno e tudo e tá construído, conforme eu queria e tá até hoje, tá bom, perfeito. É... isso faz trinta, vai fazer trinta anos. [Tu nem tinha nascido, tava longe ainda, né] [AB – Tava longe] Tava. Lá o prefeito naquela época era o Celso Maldaner. Conforme eu fui encarregado dentro da Aurora de escolher o local pra, pra montar um frigorífico, eu também não sabia, a Aurora, não tinha noção, mas ali achei o bastante tinha viajado muito pro exterior, pra qualquer país por aí, pra ver como é que ia ser o primeiro frigorífico que a Aurora ia construir. Então eu não fui pra, eu fui escolhendo lugares pra... Itapiranga, Descanso, São Miguel, Maravilha e eu torcia que o prefeito de Modelo me chamasse mas não me chamou, também não dei bola, porque lá em Modelo tinha lugar bom. Lá onde tá a indústria de pegar água lá do Rio Saudades, tem indústria de leite hoje. Lugar bom para construir um frigorífico de aves. Mas não me chamou. Era o... como é que era o nome dele... [depois eu lembro, depois eu boto aí] Aí, é, eu fui escolhendo lugares aqui, em Quilombo, é... até em Ipumirim, por aí a fora. Aí o lugar que a gente achou bom foi, é, lá em Maravilha unindo os dois riachos, Chinelo Queimado e o Segredo. Aí abaixo dos dois foi feito uma barragem que tá até hoje lá, tem quase trinta anos também, perfeito, funcionou bem, sem

problema nenhum e água nunca faltou. Aí começamos a abater os setecentos e setenta [mil] aves/dia e hoje tá com cento e trinta e duas mil, vai se ampliar pra cento e setenta mil, um pouco [longe], daqui a dois anos nós vamos ampliar um pouco, vamos indo... porque não tem mais espaço, também não tem muita água sobrando, então vamos aproveitar, otimizar o que tem. É, então a gente, bom, em oitenta e sete construíram o frigorífico em Maravilha, eu era diretor industrial da Aurora, daí o presidente que era o Aury Bodanese me convidou pra sair da Aurora, pra suceder-lo e passar pela Alfa, pra ser presidente da Alfa. Eu dizia que não... eu gostava, sempre gostei de desafio mesmo né, então tá, vamo embora, então tá. Aí eu entrei de vice da Alfa e fiquei depois mais doze anos como presidente da alfa né, em dois mil e dois eu era presidente da alfa e vice aqui, em dois mil e seis era presidente lá e presidente daqui, em dois mil e oito venceu meu mandato lá, ele [pediu] sucessor também e [fiquei] presidente aqui né, até hoje. Por que? Porque eu já conhecia bem a Aurora. Então a gente começou, é... aqui em dois mil e dois, em dois mil e seis eu assumi a presidência, em dois mil e... seis, sete, é, construímos a indústria de Pinhalzinho, era uma indústria de sucos lá, como o suco nunca deu lucro propus pra assembleia e assembleia topou, acaba com o suco e entra o leite. E até hoje é um sucesso muito forte, né, por que? Porque suco, naquele tempo quando se trabalhou a ideia que surgiu da, o presidente era o Aury, era, naquele tempo ainda era possível colher laranja, botar num balaio, botar o balaio nas costas e sair morro abaixo pra... hoje não, hoje até o ministério do trabalho não deixa nem fazer isso né, a colheita da laranja hoje você pode colher, botar num [incompreensível] daqui, botar num tratorzinho e levar até a indústria, então, e aqui não houve [locação] boa pra citricultura, não houve. Algumas propriedades... mas nunca alcançamos nem a metade daqui que era previsto pra Aurora alcançar. Aí quando eu vi que tava dando muito prejuízo eu botei na cabeça, o dia que eu for presidente vou acabar com isso daqui. E... acabei [risos] com o suco, aí vendemos equipamentos pra Citrosuco, que hoje ela tá instalada em Fraiburgo. E as laranjas que sobra daqui vão pras cooperativa e as cooperativa levam lá pra, pra Fraiburgo. Mas sobra pouco, porque a maioria... não é clima pra isso, não, laranja não se planta mais em terreno acidentado, nada disso... porque o transporte hoje é complicado. Então acabamos com o suco e entramos no leite e a Aurora cresceu bastante. Bom, suinocultura! Suinocultura então no começo tinha as raça Landrace, Large White e Duroc, a gente sempre procurava ter uma produtividade melhor, naquele tempo lá em Modelo a gente tinha em média doze, [incompreensível] doze, treze leitões por porca por ano. Hoje é vinte e sete, né, por porca por ano. Então era muito pouco, mas também não tinha muitas condições de criar, tinha... né, tinha muita deficiência e tal. Eu sei que uma vez em setenta e nove eu fui pra Dinamarca, na Dinamarca naquela época, naquele, naquela época era

a melhor suinocultura do mundo. [Em Landrace] a Dinamarca era imbatível. Fiquei lá vinte e oito dias escolhendo animais, pra Aurora, pra, até pro próprio Ministério de Agricultura, pros criadores daqui, pra, pra Chapecó, frigorífico Chapecó. E trouxemos, deu cento e oitenta e oito matrizes e uns sessenta, setenta machos, por que? Por causa das linhagens né. Trouxemos de avião, veio até Florianópolis, aí fiz uma quarentena e depois distribuímos aqui no Oeste. Naquele tempo a gente trouxe animais e os animais da Dinamarca muito evoluídos e eles precisavam ter um equilíbrio melhor de proteína, de [incompreensível], fibra, bem mais equilibrado. E a ração naquele tempo ainda era espiga de milho, espiga de milho, milho não tem né, o forte do milho não é por proteína, o forte do milho é polenta, energia. E naquele tempo farelo de soja tinha muito pouco, a soja estava começando a entrar e farinha de carne também não era fácil de se encontrar. Então os animais tinham muita necessidade de proteína de origem animal ou vegetal também, mas, então aparecia qualquer galinha por aí a porca veia ia lá e pegava a galinha e comia. Por que? Porque faltava proteína [MB – Uhum], né. Então naquele tempo a gente tinha uma genética muito avançada, mas a nutrição não, não era adequada.

MB - Como é que foi esse trabalho de convencimento do agricultor pra... [ML – Ah, teve agricultores lá], [sobreposição de vozes]

ML - A família, [Osmundo Bernardo Raich], por exemplo, me lembro bem dele, é quem sobre lá pra linha, pra Serra Alta de Modelo, Serra Alta lá ele tinha uma criação de suínos aí ele era bem avançado, ele era vereador, [incompreensível]. E naquele tempo começou a entrar a soja, né, o plantio da soja. E a gente sempre recomendava pra ele, a soja que você vai dar pros suínos tem que ser torrada, aí eles cozinhavam, faziam [pão] né, na forma de tijolos e colocavam a soja lá dentro, tudo bem, já torrava o suficiente. Ou então bem cozida na água. Daí cozinhava a soja com abóbora, cozinhava na... mas eles começaram a ficar meio relaxadinho e não cozinhava direito aí não acontecia nada, daqui a pouco tava até a soja crua. Ih... pra suíno isso é o pior veneno que tem, é igual a câncer, não é. Tu não fala nada, o porco come mas daqui a pouco ele tá caído. Aí o Osmundo foi o primeiro que apareceu no escritório, seu Mário meus porco tão tudo caído. [Incompreensível] [deixa eu ver o que que tu fez]. Não, não, tão caído, fiz tudo certo como o senhor pediu. Aé? Então tá bom. Então vamo lá, vamo comprar um [vidro de] [incompreensível]. Quantos animais caíram? [tinha um numerão] Vinte e poucos. Calfon, que Calfon era da Bayer, né, a Bayer tem até hoje laboratório da Bayer. Vamos comprar uns vidros de cálcio, cálcio e fósforo pra dar, e vamos injetar no animal. Se ele levantar em oito dias é sinal que você fez [cocô], você não cozinhou

a soja. E dito e feito. É porque a soja tem um alcaloide que chama-se sojina, ele é destruído com calor, tem que ter xis graus por um tempo xis. Pode ser calor com água, ou pode ser calor também no forno. Então a gente sempre recomendava isso daí. Assim como a soja tem um alcaloide que chama sojina, o alcaloide do café, qual é que é? Vamos ver se tu estudou direito... cafeína [AB – é]. É da, da, da maconha? [AB – Da maconha não faço ideia] também não [risos], mas todos eles tem, tem as plantas tem o, tem os, os, a cocaína né... tem seus alcaloides que são destruídos, um de uma maneira, outro de outra. Mas a soja no caso era com o calor. Não fizeram. Aí vamos injetar todo dia, duas vez por dia injetando é, Calfon no porco e ele acabou levantando, acabou levantando. Porque o osso, quando você deixa a sojina atuando, a inibição de cálcio e fósforo ela fica prejudicada. Aí o animal come, engorda, ele pega peso mas o osso fica fraco, chega a entortar o osso. Chega até cortar com canivete, se é um canivete bem afiado você chega a cortar o osso, esse osso da, da... Então você, tinha que destruir, não destruíam, mas depois eles foram aprendendo e tal. Depois começou a aparecer também alguma indústria que fazia farelo de soja, antigamente faziam torta de soja, chamavam de torta. Por que? Porque exprimiam a soja com um sistema de prensa e saía o líquido, o óleo de soja e depois de purificar o óleo vinha pra... Pra tu ver, naquele tempo recomendava-se muito para de consumir banha porque a banha fazia mal e consumir óleo de soja. Hoje é o contrário. Hoje né [AB – Se recomenda] é, volta a recomendar a banha. Isso aí é problema de saúde mundial que, é, desde meu tempo da faculdade se cortava a banha, não recomendavam a banha. Houve um período que não recomendavam o ovo, hoje o ovo faz bem, naquele tempo não fazia. Quer dizer, há poucos anos não fazia bem o ovo, hoje pelo menos um ovo por dia o cara tem que comer, mas se comer dois também não faz mal, mas naquele tempo não podia, fazia mal, né. Então essas coisas assim que a medicina mundial ela também tem tido seus, suas adaptações e tudo mais. Então a, a banha tava sendo colocada de lado e foi bom pra soja. Então eles saíam, pegavam a soja, passavam na prensa, extraíam com a compressão, ainda não era tão, tão, bom, tudo bem. Mas depois já veio ali na Alfa, quando eu estava ali na Alfa também eu forcei bastante pra, pra, pra duplicar a produção de extração de óleo de soja. Hoje a extração de óleo de soja nas indústrias é feito com hexano. O que que é hexano? Hexano é parecido com uma, uma benzina, ou melhor pra vocês entender, é uma gasolina quase que pura, que extrai, tira a, a gordura da massa, que a soja é prensada, pra depois separar a gordura pra um lado e o farelo de soja no outro. Esse farelo de soja é o que se usa hoje em alimentação animal, mas eu antes de sair da Alfa ainda eu já fiz uma outra, uma outra tecnologia em cima da soja também e tá hoje muito bem, funcionou muito bem, não é que eu inventei que a gente achava que tinha lógica, né? Ou seja, desativar a soja sem precisar

extrair o óleo de soja com hexano. Ou seja, hoje é boa parte da soja que a Aurora usa, a Aurora, BRF, JBS, seja lá o que for, pra ração de suínos e aves ela tem, ela é intacta. Não foi mexido no, no óleo de soja. Que hoje na formulação da ração a maioria ainda faz isso, compra o óleo de soja, compra o farelo de soja, compra o milho e faz a mistura. Ora, se eu tirei com hexano antes porque que eu vou adicionar agora? Então não vou tirar! Vou fazer natural e tá sendo feito hoje, hoje desativadora de soja, tem uma muito boa aqui na Alfa tá fazendo, tá duplicando agora e a Aurora tem uma Mandaguari, lá no norte do Paraná que traz todo dia três, quatro carretas de soja desativada pra usar na formulação dos animais. Bom, então ela, a soja naquele tempo era pouco conhecida, depois começou a usar muita soja no Brasil, o Brasil hoje é o segundo maior produtor mundial de soja e o maior exportador. Ele produz cento e cinco milhões de tonelada, em média ano. O Estados Unidos produz cento e dezenove, acho que fecha cento e dezenove milhões, mas os Estados Unidos consome lá isso, nós consumimos um pouco menos e exportamos mais, somos grande exportador. Então a soja foi uma, e naquele tempo não tinha praticamente soja, aqueles mais antigos lá em Modelo foram conhecer soja bem depois e arrancavam a soja ainda, colocavam na trilhadeira pra tirar o grão depois vendiam o grão por aí. Hoje é tudo mecanizado, né. Então devagarzinho essa evolução na, na soja, em milho também, o pessoal não plantava o milho direito, sempre alguém [incompreensível] a mão na roda, peguei o comando lá num, estudei em Porto Alegre, uma faculdade muito boa e lá a gente tinha toda a tecnologia bem avançada, a gente plantava o milho em carreira, né. Naquele tempo que os gaúchos vieram lá do Rio Grande plantavam o milho, fazia, uns tinham é... chamados saraquá. Aquela maquininha [o entrevistado tenta reproduzir o ruído que fazia o saraquá] titcha, titcha, né?! E outros tinham, os italianos chamavam de [potion], ou seja, era uma madeira que fazia um buraco e botava o milho lá. Ou então com enxada mesmo, pegava com a enxada, abria um buraco e plantava, plantava cinco seis grãos aqui, daqui até aqui mais um menos um metro, cinco, seis grãos, daqui até aqui um metro cinco, seis grãos. Aí nós fizemos lá em Modelo um trabalho com os agricultores de lá, lá tinha lá na linha Salete, lá bem pertinho da pedra furada lá, o Pedro [Livino Wensley] chega a família [Wensley], tinha Schneider lá também, [Maldaner, Maldaner] [incompreensível], a gente fazia lavoura demonstrativa lá perto da escola lá, [AB - Hoje tem a casa familiar lá] é? Então a gente fazia, fazia como é, pegava um terreno, pegava esse terreno e dividia, fazia uma escolha, o terreno daqui até aqui plantava dois sistema novo como [é o indicado], daqui pra lá pode plantar como eles quiserem, tá?! Então pra cá plantava com eles queriam, pra cá... tamanho do terreno igual, o volume de milho igual, peso de grãos de milho e depois na hora da colheita chamava todo mundo e agora vamos colher pessoal? O sistema que a gente

recomendava não precisou fazer nem duas vezes, pronto já pegou. Por que? Porque se aproveita melhor o terreno, né [AB – Sim], porque quando a planta vai receber a, a luz solar, se ela está muito clara aqui, ainda sobrava sol ao redor aqui, aquele sol devia estar em cima da planta pra gerar a fotossíntese, né, porque o maior laboratório do mundo não sabe o que é a natureza. Então com o sol você colhia mais milho, então já foi, [ganhamos de cara]. E naquele tempo inclusive a igreja, a igreja até hoje é muito atrasada nessas coisas, mete o nariz onde não deve, sei porque eu fui seminarista, meu tem coisa que o bispo, eu briguei com o bispo, briguei com todo mundo, né, porque é o problema [do milho ardido] e tal, também nós tivemos uma encrenca com os bispos aqui. Outra encrenca que eu tive é que porque o bispo propiciou aqueles movimento também pra tirar a terra dos colono aqui na Sede Trentin e botar índio. Botar índio pra que? Índio não quer terra, índio quer oportunidade. Tanto é que na Aurora hoje tem quatrocentos índios empregados, aqui perto, quatrocentos índios que trabalham lá. A Aurora tem trinta mil funcionários, dos trinta mil tem quatrocentos indígena. O índio não quer terra, vai plantar o que, né? Índio quer oportunidade, quer ter seu salariozinho também, ter isso, aquilo. Então a gente encrencou com a igreja por causa disso, de terra, eles meteram o nariz. Em mil seiscentos e setenta e seis, quando Galileu Galilei, um estudioso italiano muito bom pra época, disse que a terra era redonda e a igreja não, não é redonda. É redonda, ela é redonda. No fim enfiaram ele num convento e morreu lá. Porque a igreja dizia que a terra não era redonda, Galileu Galilei dizia que era. Se metem em certas coisas que não é deles, né. Padre tem que cuidar é da igreja, não é da, da, das coisas... Aí depois uma encrenca boa que tivemos, em uma época de muita chuva, colheita de milho e o milho ficava muito tempo na [roça] e a espiga do milho ela ficava normalmente pra cima. Quando chove o que acontece, cai a gota aqui, corre na espiga, acaba dando o milho ardido, milho podre, milho ardido né, normalmente chamavam de milho ardido, é milho com fungo. Tem um ambiente de fungo ali [AB – Sim] e você dá um milho desse com fungo pro suíno ou pro frango é um veneno, né, a porca aborta, o animal dá problema, no frango dá problema, morre o frango, que ataca o fígado no organismo. O fígado não aceita certas coisas, certos tóxicos, né... e o fungo é tóxico. Então aí começou a encrenca, aí alguém disse um dia desses, é porque a Cooperalfa, na época eu era presidente da Alfa, tá inventando esse negócio de milho ardido pra tomar dinheiro dos colono, não sabia o que tava falando, infelizmente. Então essas tecnologias, a tecnologia é o que existe é uma evolução muito forte né, então foi se descobrindo depois de um tempo que milho com fungo não é recomendado pra suínos, aves ou até pra vaca de leite, até no leite sai o fungo quando a vaca, até pras crianças faz mal. Bom, mas deixa isso pra lá. Então começamos com o milho, soja, suínos e foi melhorando, lá em

Modelo, aquela região lá toda fornecia suínos, e muito suínos pra Perdigão lá em Videira, saía caminhões todo dia com suínos pra Perdigão, pra Sadia, pra Seara e pra Chapecó, o frigorífico que mais comprava. Tinha um em Joaçaba também mas depois fechou. E o suinocultor começou, naquele tempo o pessoal tinha quatro, cinco porca e com o dinheiro de quatro, cinco porca conseguia viver, né. Hoje não adianta mais. A tecnologia evoluiu tanto, isso aí é, quatro, cinco porca vai e pega uma [incompreensível] que é melhor. Que não dá resultado. Evoluiu tanto que hoje por exemplo pra você ter uma ideia é, isso se chamava ciclo completo, ou seja, desde de que o leitão nasceu até você entregar no frigorífico, dava naquele tempo, nove, dez meses. Hoje tu entrega com cinco meses e sem, sem hormônio sem nada. Naquele tempo se tirava treze, quatorze leitões por campo, hoje é vinte e sete. Naquele tempo o cara tinha quatro porca, tinha quatro porca, tinha cachaço, ó um cachaço pra atender quatro porca. Quando um cachaço pode atender cem porca, né, mas tinha que ter. Hoje tem inseminação artificial, praticamente tudo com inseminação. As empresas mesmo, a própria Aurora tem [prestação] de sêmen aí, coletas de sêmen com mais de quatrocentos macho, onde coleta sêmen todos os dias e todos os dias sai [num carro], sai veículos com o sêmen pra entregar nas propriedades para inseminar as porca. Então hoje a evolução foi muito grande, hoje por exemplo uma criação de leitões com menos de cem porca não dá, tem que ter duzentas, trezentas, quinhentas, mil, duas mil, três mil, cinco mil... hoje uma criação, um galpão pra vamos dizer animais determinados, com menos de trezentos animais não vale a pena. Então hoje a coisa evoluiu bastante, né, por que? Porque tem automatização, tem isso, tem aquilo. Você imagina, você pegar um [incompreensível] de leitões, trezentos leitões, ficar quatro meses lá pra sair de vinte e dois quilos até os cento e vinte quilos é quando você vai entregar cada leitão, cada porco desse tu ganha aí, trinta reais, três vez três, nove, nove mil, divide por quatro meses dá dois e pouco por mês, mas você tem gasto por isso que não vale a pena. O ideal é você ter dez [apoio] desse, só que daí tem que ter mão de obra então a gente sempre procura equilibrar. O cara tem que ter a mão de obra suficiente na família pra atender [incompreensível], assim com o gado de leite, com aves... quantos aviário vocês tem lá? [AB – Não, nós temos só chiqueiro, chiqueiro e vaca] [conversa entre ML e AB] quantos porco tá engordando lá? [Incompreensível] [AB – Quinhentos e quarenta], quinhentos e quarenta? Ah, já é um tamanho bom, dois [incompreensível]? [AB – Não, um só, um só pra quinhentos e quarenta] Tem que limpar todo dia ou não [incompreensível]? [AB – Sim, não ele limpa todo dia mas trata automático] [Incompreensível] [AB – Não, se não...] Se não quebrava as costas do teu pai [AB – Sim, se não não tem como. Mas o pai tem plano de fazer mais um e parar com as vacas, ou mais dois e parar com as vacas, que ele acha que é mais, mais lucrativo] É.

Quem tá lá, só ele e a mãe? [AB – Só meu pai e minha mãe e tem o meu irmão que...] E o teu irmão vai ficar? [AB – Acredito que sim]. É se ele ficar ele pode, aí vale a pena, daí ele investe e passa pro filho depois. [AB – Sim].

ML - Mas é, olha a evolução que houve, naquele tempo era Duroc, Landrace e Large White, hoje é o que é, não tem mais nada disso. Hoje é tudo sintético, é tudo os animais de empresas que tem uma genética bem apurada. Hoje a Aurora trabalha com três genéticas praticamente a Pig, [Incompreensível, a Dan Bred e Toppig], então são três genética, pra quê? Pra dar liberdade pro agricultor também aquele que produz o leitão escolher, quer [Toppig], e a [Toppig] é a genética que nós chamamos genética Aurora né, e a, a [Dan Bred] é da Dinamarca, é dinamarquesa, do governo dinamarquês, muito bons. E a pig, a [incompreensível] é americana, americana é o que mais tem no mundo, hoje, segundo lugar vem a [Dan Bred] e terceiro a [Toppig]. Então a gente tem sempre dá uma garantia pro agricultor. Assim como também a gente dá a garantia pro agricultor escolher a nutrição que ele quer, dá, quer dar. Só pras vocês entender porque às vezes eu sei que na faculdade pode um professor lá que não entende bem direito meter o nariz falar bobagem. Tem por exemplo, nós exportamos pra sessenta país e suínos e aves. Suínos basicamente pra vinte países, né, um pouco mais um pouco menos. Tem países que aceitam carne cujo animal tenha consumido, por exemplo, um produto como a ractopamina, que a ractopamina é um produto que você dá pro animal pra reduzir um pouco, mas não é hormônio, não é nada, pra reduzir um pouco a formação de gordura.

Que a formação de gordura é um tecido tardio, ele vem depois da formação da carne. Então tem país, pega a Rússia, pega a China, não querem que use ractopamina. E eles pegam nas análises de laboratório até ppb, parte por [bi, bilhão] e hoje fazem até com nanotecnologia. Quer dizer, o animal respirou ractopamina por exemplo aparece na carne e lá eles pegam e não querem. A China e Rússia hoje são dois países que, nós temos que abater segregado, ou seja China e Rússia dois frigorífico da aurora que fornece pra China e Rússia, é Sarandi no Rio Grande do Sul e Joaçaba. Ou outros frigoríficos não tem problema, fornece pro mundo inteiro. Estados Unidos, Japão, Coreia, o próprio Chile, o Chile também, eles podem, não dão bola pra isso, pode usar ractopamina, não tem problema nenhum. Nós exportamos pros Estados Unidos, a Aurora é o único frigorífico do Brasil que exporta pros Estados Unidos não tem outro, só a Aurora. Por que? Porque nós nos empenhamos bastante em a gente adequar os frigoríficos para o mercado americano. O americano é o segundo maior produtor e exportador de, é produtor e o primeiro exportador o país você não pega mas o continente

européu, vinte e oito países. Então o americano que é o segundo grande produtor mundial de suínos. O primeiro quem que é? China, que é o grande consumidor mundial de suínos, maior produtor e consumidor é a China. Quantos habitantes tem na China? Vamos ver se tu estudos direito... [AB – Atualmente... meu Deus, no último ano, são...] chega até um bilhão, trezentos e cinquenta milhões, bota chinês nisso e eles comem bem carne de suínos, muito bem, são o maior produtor mundial só que eles produzem lá ractopamina que é um ingrediente químico, produz suíno com ractopamina, vende ractopamina pro Brasil mas não compram com ractopamina, isso é frescura. Pura frescura, eles, a Rússia também. Então o grande produtor mundial de carne de suínos é a China e o maior consumidor do mundo é a China também, lá não tem muçulmano, lá não tem porque, quem não come carne de suíno é muçulmano, judeu, essa turma aí que no tempo de Moisés, que Moisés disse que suíno era carne imunda, também do jeito que criavam é, não era pra comer mesmo, né, do jeito que criavam. Hoje não, hoje é outra completamente diferente, é, então o Brasil, nós, o Brasil se tornou o quarto maior exportador mundial de carne de suíno também, né. A Aurora exporta bem, o que mais exporta é a Aurora hoje. Por que? Porque nós estamos num estado livre de aftosa sem precisar vacinar. Isso aí o mundo inteiro olha pra isso, o mundo inteiro reconheceu isso. Quando o americano reconheceu também, [AB – O cheester também] é... depois veio a agricultura também o Brasil pegou e copiou a agricultura mais fechada é, dos Estados Unidos, modelo americano até hoje e o que tá no mundo inteiro hoje é o modelo americano. Agricultura no Brasil é o primeiro grande exportador de carne de frango, né, maior exportador mundial. Produtor é o segundo produtor mundial, como país. E a Aurora tá inserida aí, ela foi fundada em sessenta e nove, eu comecei a trabalhar em setenta e três, hoje está com oito frigorífico de suínos, tem um também lá no Mato Grosso, tá com sete frigorífico de frango e uma indústria de leite. Vinte e sete mil e oitocentos empregados.

MB – E lá no começo da Aurora quando ela começou em sessenta e nove, setenta e três, tinha alguma dificuldade da empresa pelo fato dela ser cooperativa? Se comparada a Sadia, ou a Chapecó aqui?

ML – Naquele tempo a Aurora começou pequeninha, o pessoal dizia que ia quebrar. Até quando saí da ACARESC pra ir trabalhar na Aurora disseram tu é louco, sai de um emprego garantido, né, na ACARESC pra trabalhar numa cooperativa quebrada, não sei o que, que tava, tinha dificuldade financeira e tudo, o que que eu ia dizer, não eu posso tentar, se não der bem na cooperativa, der problema eu vou pra qualquer outra empresa eu não tenho, eu era um profissional muito bem formado, sempre atualizado, então eu podia, depois eu fiz também, eu

tava na Aurora eu fiz também o curso de engenharia e segurança do trabalho, quer dizer, ficar sem emprego eu não ia ficar nunca. E se precisasse sair daqui pra Itabuna, Ilhéus, que trabalha com cacau eu também iria, eu não tinha problema. Eu fui, eu aceitei o desafio e fui pra Aurora e cresci junto a Aurora de setenta e quatro a oitenta e sete foram os anos que eu cresci, a Aurora cresceu muito e eu cresci junto, porque como era pequena eu conhecia tudo, tem motores aqui que conheço até hoje, daquele tempo. Então quando eu voltei pra dentro da Aurora eu tinha uma vantagem, ninguém conhece a Aurora que nem eu, ninguém. Tanto é que explodiu hoje tá batendo, não sei, é muito, a Aurora explodiu, é muito grande. Então, vamos continuar crescendo? Lógico que sim, vamos lá. Vamos comprar quem, a Sadia? Ahahan nós somos pequenos perto da Sadia. Pra você ter uma ideia a Aurora abate hoje um milhão de frango dia, um milhão. Quanto é que abate a Sadia? Sete milhões. A JBS? Cinco milhões. Então nós somos o terceiro. Um milhão é pouco? Não é pouco não. Um milhão é muito, são dois milhões e quinhentos mil quilos de carne todo dia que nós jogamos no mercado, de frango. De suínos em Santa Catarina sim, a Aurora é líder, abate mais que os outros. No Brasil a Aurora é a terceira também. E, a genética de frango, basicamente são duas genética, é [a Cobb e a Ross] são tuas genéticas americanas. Mas também em conversão alimentar, por exemplo, quantos quilos dá, quanto precisa pra dar um quilo de peso vivo, tanto de suínos quanto em aves isso é muito importante, muito importante. Por isso que a recomendação dos técnicos da Itaipu é que não deve levar ração do chiqueiro pras vacas. [AB – Não, nunca] É, não deve. [AB – Cada uma tem os nutrientes necessários pra cada produção] é isso mesmo. Outra coisa, a vaca não pode comer farinha de carne [AB – Não] e na ração de suínos e aves tem farinha de carne. Vaca que come farinha de carne é perigoso pra dar a vaca louca. [AB – Tanto que quando sobra o pai guarda em bolsas, a cooperativa passa, recolhe e volta daí depois pro mercado] Mas tem gente que não faz isso, tem gente que é ligeiro... [AB – O pai sempre guarda porque a gente sabe que não, não adianta, não pode dar] É. Um tempo nós é, o pessoal era meio safado e desviava a ração do porco pra dar pras vacas nós colocamos um produto químico na ração e quando dava a ração pra vaca, a vaca começava uma baba azul, a baba azul por causa do Ph da, da saliva. Se apavoravam tudo, só pra assustar os colono, os agricultor. Depois... Mas não pode, não pode usar nem a ração de frango, nem de suínos pra gado de leite. O gado de leite é um herbívoro, puro herbívoro. E o ser humano, o homem nós somos onívoros, há séculos, há séculos, há anos come de tudo né, herbívoros, proteína animal que é bem boa e o suíno também é onívoro e o frango também. Então, mas é, a evolução foi essa, é, viajamos muito. Eu comecei a viajar em setenta e nove, eu acho que eu fiz umas

cinquenta viagens, tanto é que [incompreensível] a gente viajou sempre a trabalho, né, mas aproveitava né, pra visitar lugares turísticos também e etecetera etecetera.

AB – E essa questão do melhoramento que tu falava de buscar raças no exterior, tem também, você tem uma parceria atualmente com alguma outra empresa, a Embrapa, a Epagri pra essa questão do melhoramento, alguma empresa própria que faça esse trabalho?

ML – É, hoje a Epagri tá atrasada nisso, a Epagri também não é o papel dela fazer isso. A Epagri o papel dela é aqueles serviços básicos né que a gente fazia, é, orientar a mulher, a dona de casa pra que fizesse bem, tivesse higiene na cozinha, nas instalações, com os alimentos e fontes de água, né, água saudável se não ficava verminose já nas crianças, nos animais etecetera e tal, isso aí a ACARESC fez bem, fazia bem o trabalho dela. Hoje a ACARESC não interfere, não tem tecnologia pra acompanhar [incompreensível]. A Embrapa tem. A Embrapa tem, nós fizemos algumas parcerias, algumas parcerias com a Embrapa mas não em tudo, em frango por exemplo a Embrapa não tem, não evoluiu. Em suínos alguma coisa assim, frango, tanto é que eles recomendam aquelas galinha solta. Isso não devia recomendar mais. Porque a galinha solta, a galinha caipira ela é portadora de salmonela. [**AB** – Sim] Salmonela deixa tudo as parte de... [**AB** – Eu sei algumas coisas] Biologia, tem biologia? [**AB** – Tenho só um pouquinho que a gente tinha no Ensino Médio, mas assim na graduação a gente não tem nada] Não porque você, passou, sobre proteína, parece que entende [**AB** – Sim eu tenho lembrança de como que é] [incompreensível]. Então a galinha caipira é um perigo desgraçado. Porque você tem aqui por exemplo aviário e aqui do lado um vizinho que tem a galinha caipira, a galinha caipira pode estar portadora de salmonela. E agora?

AB – Por isso que tem que ter uma certa distância na hora de construir, tu não pode ter nada solto perto.

ML – Tem que ter [**AB** – Eles fazem fiscalização...] Aí começa a encrenca, a Epagri recomenda a galinha caipira e o vizinho às vezes [incompreensível] leva a sério.

AB – E aí já não pode fazer a construção, porque daí não tem a metragem suficiente...

ML – Exato, é. Então tem que ter a separação certa. Aqui por exemplo, aqui em Chapecó temos um problema seríssimo aqui, que o sistema da [Aidred], [Aidred] é um melhoramento genético da sadia com o peru e o peru é grande portador tolerante a salmonela. Tanto é que fica fechado pra exportar pra Europa, a sadia aqui ficou fechada noventa dias, pegou

[incompreensível] desgraçado. Porque eles estavam contaminado com salmonela e não adianta isso aí, tem que separar uma coisa da outra. Outra coisa que tá ocorrendo em Santa Catarina que o governo do Estado não tá tomando as providencias que devia tomar e nem o meio ambiente, é os javalis criados soltos aqui na região de Ponte Serrada. Se o Javali desses pegar uma aftosa e passar pra suinocultura, o prejuízo do Estado é enorme, é fenomenal. Porque? Porque o javali ele é portador, ele é resistente. Daqui a pouco dá qualquer queda de resistência bacteriana nele e ele, ele pega e vai esparramando aftosa pra lá e pra cá, pra tudo que é lado. Prejudica quem? O produtor de suínos e o produtor de leite também, né. Então tem que cuidar muito, isso aí pra mim tinha que eliminar o quanto antes isso aí. Tem que acabar com o javali, não serve pra nada, só pra atrapalhar e eles se multiplicam. [MB – Sim] [AB – Sim] E a caça, não é que a caça ela é proibida agora mas tu sair com uma arma de fogo dali aqui à Ponte Serrada, você tem que pegar licença com a polícia federal, tem que é...

MB – Atirar em uma não resolve, né. Atirar em uma ou duas não resolve.

ML – Também não adianta, mas vai, vai dar problema, vai dar problema.

AB – Se não me engano tinha um problema aqui na própria na FLONA com javali.

ML – Aqui na FLONA tem será?

AB – Eu acho que sim, não foi a, a Daniela que fez TCC com a Gisele que muitas vezes eles vinham enquanto ela fazia as coletas?

MB – Não sei, mas eu sei que tem, que tinha um pessoal que ia caçar ali na FLONA.

AB – Mas afinal, acho que ela fazia algum estudo acho que era na FLONA ou algum lugar ali perto e também, eles às vezes vinham e atrapalhavam, que ela tinha que voltar outro dia pra fazer a coleta porque senão ela não conseguia chegar na...

ML – É, FLONA, FLONA. Eu sou contra, a FLONA que tá aqui, a floresta nacional acaba com isso aí, pô. Pega e vende lá pro Sarney que ele [explora mais um pouco]. Porque? Porque terras boas, terras boas pra agricultura e coisa, faz a FLONA, tudo bem, faça no lugar certo.

MB – Tem aquele monte de Pinus que eles não derrubaram ainda né. [ML – O que?] Aquele monte de Pinus ali que tá.

ML – Pinus, tem que acabar com o Pinus, pô. Bota lavoura, ainda é que o Brasil ainda não passou fome, o dia que passar fome aí eles vão dar valor pro grão, né. No Brasil tem grão

sobrando, né. Mas o dia que passarem fome vão dar valor. Tira esse Pinus aí planta e faz a Flona em lugares acidentados, lugares que dá pra fazer isolado e lá sim pode criar javali. Agora fazer lavoura aí o javali vem e come quase tudo, o que que isso.

MB – Outra coisa que eu queria conversar com o senhor, ali no começo na questão do suíno, como é que era essa questão da aceitação desse porco europeu, o colono ele criava aquele porco preto, né, que é o [aquele Piau], o Canastra, aquele porco do caboclo, né.

ML – Aquele porco antigo ele veio do, a origem deles foi Portugal e Espanha, né. Tinha [o Plaza, tinha o faixa branca] tinha o não sei o quê, tinha muito porco [incompreensível] porco [incompreensível] não desenvolve direito, é só perda de dinheiro, por que? Porque ele come cinco quilo pra dar um quilo de peso vivo né, pernil que é bom eles não tem, é atrás não tem pernil, tem uma tábua.

MB – É, e quando começou ali com o chiqueiro e com esse porco branco os colonos aceitaram bem ou foi...

ML – Não, não, eles queriam, eles aceitavam. Só que tinha aquilo que eu falei no começo [deficiência de produção], então o pessoal acostumava naquele tempo, jogava duas espiga de milho e achava que tratou o porco. Não é assim, como se faz hoje sim. Hoje o suíno, o frango come, são mais equilibrado que o ser humano, pode ter certeza. Mais equilibrado. Que tem ainda gente que acha, um dia eu puxei uma encrenca com um professor da federal, lá na, em Florianópolis, na Universidade Federal. Diz que frango no Brasil come hormônio. Frango não tem hormônio, frango tem é melhoramento genético, tem nutrição, tem manejo, tem é, tudo menos hormônio, não tem hormônio [**MB** – Não compensa né]. Não, não pode, é, hormônio já pensou? Brasil o maior exportador mundial de frango, vender frango com hormônio pro Japão, pra qualquer país, pra Europa, nós vendemos muito peito de frango pra Europa, pra vender, não, não pode. Eles analisam lá pega na hora, pega na hora, isso aí não, os laboratórios hoje têm uma precisão fantástica. Então isso não existe possibilidade nenhuma, o que existe sim é [incompreensível subcutânea] em bovinos que ainda algumas regiões do Brasil podem ainda aplicar, que é proibido. Mas em suínos e aves não, nós exportamos [incompreensível é tão ruim] que a gente não muda a fórmula.

MB – É, minha esposa é veterinária, ela tem que ficar convencendo as pessoas, não, não tem hormônio, então é... mas tirar da cabeça do pessoal é difícil, né?!

ML - É, eu tive um professor lá que queria jurar que tinha hormônios, eu disse ó, infelizmente o senhor é professor de agricultura muito, mais atrasado que eu já vi até hoje. Ele devia pegar e fazer uma, uma pós-graduação, uma adaptação a realidade atual. Porque ele vai explicar isso pros aluno e depois os aluno pensa que, que se cria com hormônio... não tem hormônio coisa nenhuma, pô! [Isso pode até dar] cadeia pra um professor desse, não pode explicar [errado].

MB – E essa questão das doenças que o senhor mencionou, a questão da salmonela nós voltando lá pros anos setenta, como é que era a questão de convencer o criador a usar a vacina? Porque eu me lembro que quando eu fui pra entrevista com os pecuaristas lá em Lages, né, a rejeição era muito grande à agrônomo e veterinário de fora.

ML – É, na aftosa por exemplo, na aftosa... e o Brasil tem esse defeito, todo o Brasil, Rio Grande do Sul também, a gauchada veia é teimosa que nem uma mula. É... tem gente que acha, principalmente as mulheres, que acha que quando se aplica vacina da aftosa a vaca reduz o leite.

MB – Eles enterravam as vacinas lá pra dizer que tinham dado né?

ML – Ah sim, ela reduz o leite porque ela é estressada, ela se estressou, não é aquela rotina, o cara vai lá, aplica a vacina, é claro que tem vaca que fica nervosa, claro, no outro dia, dois dias depois vai cair, mas depois volta né.

AB – É a mesma história que a Brucelose, também falam que a vacina aborta.

ML – É ao contrário, pois a vacina, quem tá dando a vacina é, é, é [incompreensível] né. Então, mais da aftosa a gente comprava a vacina da aftosa e jogavam fora. Como é que Santa Catarina resolveu o problema? Mandar vacinador local. Ou seja, ali na linha tal, o cara quer tantas vacinas, o cara ia e vacinava. Tinha gente que escondia a junta de boi no mato porque dizia que a tal da vacina que depois não dava pra por [incompreensível]. O cara ia lá e vacinava os bois do cara, as vacas, tudo. E conseguiram acabar com a aftosa de Santa Catarina, reconhecido mundialmente.

AB – Porque daí não era alguém de fora, era alguém da comunidade que fazia o trabalho...

ML – Alguém da comunidade claro, eles sabiam, eles sabiam da resistência. Então essa técnica que o governo aplicou aquela época foi perfeita né, porque o cara sabia, né, o cara [incompreensível] escondia os boi lá não sei aonde, daí [incompreensível].

MB – Lá em Curitiba o pessoal de lá conta que chegavam esses agrônomo e veterinário novo lá de Florianópolis e de Porto Alegre, tudo recém formado e que os fazendeiros velhão né, que esse piá aí vai dizer que, o que eu tenho que fazer.

ML – É, o agricultor naquela época não aceitava, tem coisas assim que, evolução que não aceita, né. É mas tem que fazer, não adianta. Hoje nós temos o nosso rebanho tá bem contaminado de Brucelose e Tuberculose, tá bem contaminado, isso aí nós vamos ter que cuidar. Estão fazendo devagarzinho, mas o governo faz por partes, [não tem mais] dinheiro pra indenizar. Tem agricultor que se descobre que a vaca tem Brucelose ele pega [incompreensível], tem de tudo, tem que ter consciência, se a minha vaca tem Brucelose, eu posso abater, posso fazer carne cozida, não vai ter problema nenhum, mas eu tenho que eliminar do rebanho, porque senão o leite que ela dá daqui a pouco o filho não pode lá tomar um leite que... [**AB** – Estando bem cozido...] é.

AB – E é complicado porque eles fazem as principais análises pelo leite, quando eles levam a amostrinha eles já veem a questão da Brucelose, mas aí se o cara tem só o rebanho de corte, não tem leite aí vai identificar como, né?! Tem uma propriedade perto da outra, vai passando. Nós tivemos um problema bem, bem grande com Brucelose, tanto que mesmo depois de ter eliminado tudo, de vez em quando acusa, de vez em quando... [**ML** – Tiveram que eliminar tudo?] Sim, foi eliminado uns vinte animais.

ML – É depois tira amostra né...

AB – Sim depois a cada pouco eles vem e fazem o controle, mas geralmente uma vez eliminado não aparece de novo.

ML – Sim faz o controle sim, depois de controlado tá controlado. Mas é importante fazer isso, se não daqui a pouco tá o filho com, com Brucelose, uma filha com Brucelose, Tuberculose.

AB – E o bom é que daí agora eles liberam a vacina né, agora cada vez que nasce um animal nós podemos vacinar, antes a gente não podia. Daí agora que tem sempre vacina...

ML – O controle dos bovinos aqui no estado ele é bom, até esses tempos atrás eu pedi pro pessoal ir lá pro Mato Grosso do Sul que a gente tava pensando em entrar no abate do [incompreensível], a Aurora. Mas eu desisti, ah não a Aurora não vai vim matar boi de jeito nenhum. Porque lá no Mato Grosso do Sul ainda não trabalham com aquele brinco, [**AB** – Hmm, eles não fazem...] e eu mandei o pessoal nosso aqui da Aurora, lá perto do Pantanal, o

Pantanal mato-grossense. O que acontece, o pessoal do serviço especial federal lá, que controla o abate, os animais entram com brinco sim, aí chega lá quando abate tem que tirar o brinco, uma coisa que é impossível conta, os brinco sumiam. Quer dizer outro animal vinha com o mesmo brinco e... isso não tem controle sanitário nenhum, acabou com tudo. Por que? Porque não tem controle. Aqui em Santa Catarina o controle é bom, ele é feito, o pessoal da CIDASC faz um bom trabalho. [AB - E eles passam a cada pouco tempo, olham se todos tão com o brinquinho] é bom pra saúde da família no meio rural, das crianças né, porque nós não exportamos leite ainda, Santa Catarina, mas nós vamos dentro de três anos por aí nós exportar leite. A Aurora vai exportar leite [em pó], o pessoal não dá problema, mas vai ter que liberar, tem que eliminar Brucelose e Tuberculose. Porque lá em Pinhalzinho a gente faz seiscentos mil litro dia, vira pó, seiscentos e sessenta vira longa vida e quatrocentos e cinquenta vira queijo e o soro do queijo vira pó também.

AB – Acho que eles tinham comentado naquela visita que a gente fez, nós fizemos uma visita pra Aurora de leite lá, na universidade.

ML – É bem automática. É das mais, das indústria mais moderna que tem aqui no Brasil ainda é a Aurora que tem, tanto é que é não tem ninguém [da imprensa] [incompreensível] [risos]N tanto é que nós secamos soro pra Nestlé, nós secamos soro pra Nestlé. E a Nestlé é uma empresa multinacional fortíssima, a melhor do mundo e nós fizemos o trabalho de transferir pra Nestlé.

AB – Aquele dia acho que até foi mencionado quando nós fizemos a... [ML – O que?] Aquele dia acho que até foi mencionado quando nós fizemos a visita que os, os ramos que eles atuam.

ML – Mas é, por que? Porque [a gente] é profissional, a Aurora é muito profissional. Com carnes também pode ver, esse negócio de carne fraca aí, nós não temos, também nós temos só dentro da indústria mais de cento e cinquenta engenheiros de alimentos, tá minado tudo as engenharias, engenheiro de alimentos, engenharia química. Tudo que, pra fazer é controle, controle sanitário, qualidade.

AB – Bom então, nessa questão das estratégias pra atrair os cooperados, existe alguma relação com propagandas, demonstrações, participação em eventos, como as feiras, por exemplo aqui em Chapecó a gente tem a Efapi que agora vai completar o cinquentenário, em Pinhalzinho a gente tem a Itaipu, a aurora faz alguma participação?

ML – [Já estive] em todas elas, junto com as cooperativas filiadas, antes era separado, agora é junto com a filiada, certo? No caso da primeira cooperativa que começou com o campo demonstrativo, a Itaipu tem a Rural Show, começou dois anos depois da Alfa, a alfa é mais antiga, foi a primeira que começou. Sempre a Aurora participa em todas, né, com seus técnicos, com aí, mostra a genética suína, a genética de frango, a nutrição, ela vai pra orientar o agricultor. Porque no sistema cooperativa tu pode pensar a Aurora não é minha, a Aurora é dessas treze cooperativas filiadas, que tem setenta e quatro mil famílias de agricultor. Eu sou aqui igual um prefeito, se tem, é [incompreensível] eu me retiro, se depois quiser continuar, continua, se quiser cair fora quando terminar o mandato caio fora. A cada quatro anos tem eleição, [mas é muito difícil, eleição] mas é, nós estamos trabalhando pra quem? Pra esse colono aqui, pros agricultor, então interessa no sistema cooperativo que a cooperativa vai bem, claro. Mas que o agricultor também vá bem, que ele também melhore de vida, que ele também evolua, aí quando vocês falaram não tem gente que acha ah aquele moleque veio lá da faculdade quer vacinar, entende mais do que eu. O agricultor não tem essa evolução, o professor, o aluno que tem que ter evolução pra passar pra esses jovens que tão vindo aí, pra passar tecnologia do campo também. Já pensou se nós tivéssemos ainda criando o porco [Piau], o porco preto? Canastra, aqueles porco tudo que tinha antigamente? Não adianta, tu quebra. Vai vender porco pra quem? O [Piau], o Canastra? Vai vender pra Rússia, pra China, seja lá pra quem for... não vai! Não adianta teimar, né. Então nós temos que evoluir. A nossa suinocultura aqui no Brasil com a agricultura, com os bovinos e o leite também é tão boa quanto aquela que se pratica pelo mundo afora. Não tem diferença, a tecnologia, é, a própria vamos dizer, o modus operandi de manejo, essas coisas todas e nutrição, é a mesma do mundo inteiro, do mundo inteiro. Não tem, não tem diferença. Às vezes é um pouco mais de cuidado do produtor, se não é o mundo inteiro, é muito parecido.

MB – Então não vamos ocupar muito tempo, né. Acho que é mais ou menos isso a conversa.

AB – Várias das perguntas acabaram sendo respondidas ao longo...

MB – É a gente faz um roteiro de perguntas justamente pra não ficar aquela pergunta, resposta, tipo jornal assim.

ML – Não, mas daí vocês vejam, vejam aí. Mas e a evolução vai continuar. Hoje já estamos produzindo dois virgula nove quilos de ração pra fazer um quilo de peso vivo de suíno, dois virgula nove. Nossa meta, dois virgula sete, e vamos chegar lá. Frango um virgula sete, nossa meta um e meio. Um quilo e meio de ração pra dar um quilo de frango vivo. Vamos chegar lá.

É genética, é nutrição, é equilíbrio perfeito, vitaminas, minerais, aminoácidos, bem equilibrado.

MB – E a questão da logística com a ração, como é que tá expectativa com a ferrovia aí.

ML – Olha nós mantemos o setor de logística fantástico, muito. É, vai primeiro pra assistência técnica, bom, tem o aviário, se o aviário foi esvaziado dia tal, vai passar o técnico lá pra ver e pra dizer pra vocês que dia tal vocês vão receber os pintinho. [**AB** - Que aí você tem que deixar tudo organizado] Deixar tudo certinho, tem fazer a tua parte. Aí chega no dia certinho, até no horário certo, chega o caminhão com os pintinho. Em seguida o que acontece, vem com a ração. Aí você tem que ter visto se a água tá tudo certo, se não falta água, tá, a ração. Aí você tem que ver se o clima, tem que ver o clima, lá tem que puxar, tá frio, tá calor, pra você preparar o ambiente. Então se você fizer bem feitinho, você tem o resultado xis. Mas outra é que chegou o dia do frango aí ah eu vou pra bodega, aí chegou o pintinho passou frio, primeiros minutos que o pintinho passar frio ele já queima energia demais, o que que acontece? Começa a morrer, perder. Esse aqui ganhou, vamos dizer, setenta, oitenta centavo, até um real por frango. Esse aqui ganhou quarenta. O que que deu de errado? A ração dele, geneticamente tudo bem, ganhou bem aqui e ganhou mal ali, é o capricho, é o cuidado.

AB - É a mesma coisa quem tem o chiqueiro automatizado achar que não precisa acompanhar as tratadas, se você não acompanhar não tem como.

ML – É a mesma coisa, mesma coisa. Nós temos por exemplo, tu ver como nós temos que preparar muito bem os funcionários pra Aurora também. Abatemos um milhão de frango dia, você viu, né. Tem os frigoríficos, Maravilha, por exemplo, é a melhor mão de obra que tem, abate, é, desossa, desossa, tira o osso da coxa, sobrecoxa de frango, três virgula dois peças por minuto, só na faca. Mandaguari, um virgula seis, metade. Por que? A habilidade que a pessoa tem, treinamento, orientação, contabilidade. Lá em Mandaguari chegamos a ter até drogado dentro do frigorífico, então imagina. Lá pra fazer um drogado correr, cair fora, porque tu não pode ir no trabalho dele pra ver se tem droga, é proibido, porque ele vem troca a roupa e... tivemos que fazer o seguinte, dá refeição de graça pra polícia. Todo mês tinha dois carro da polícia e quatro policial dentro, vão lá, almoçam de graça. Pra todo mundo ver que tem polícia ali. De noite a mesma coisa, dois veículo e quatro policial fardado lá almoçando e lá dentro acompanhando, por que? Porque aquele drogado, ele não pensa duas vezes, ele pega e se manda. O único jeito de mandar drogado embora é assim.

AB – É uma tática.

ML – É, o único jeito e mais barato, né. Que tu não pode mandar embora. Se tu sabe que o cara é drogado, o Ministério do Trabalho não te deixa mandar embora, diz que é doente. Então o jeito é com a polícia mesmo, dá as refeição de graça pra polícia. Eles vêm e almoçam lá. Agora lá tá melhorando, Mandaguari já tá melhorando. Então tu imagina a gente abate milhão de frango dia, cada frango tem duas coxa e duas sobrecoxa, né. Tá, aí se ele deixar no almoço três gramas de carne, quantas gramas dá no fim do dia? Seis milhões de gramas. Algum [truque] de carne ficou no osso, é isso aí que a gente tem que fazer a contas. A mesma coisa você ah criam frango, já pensou [incompreensível] começa a cair fora a ração. Quantos milhões de frango tu acha que a Aurora tem no campo? Só uma ideia, quantos milhões a Aurora tem no campo?

AB – Bom se abate um milhão por dia só aqui...

ML – É um milhão por dia, abate com quarenta e dois dias de idade, em média. Tira sábado e domingo, trinta e quatro milhões.

AB – Isso, mais ou menos, eu ia dizer perto dos quarenta.

ML – É, trinta e quatro milhões. Fora duas milhões de galinha que tem que estar botando ovo todo dia. Porque pra dois milhões de ovos, dá um milhão e oitocentos, mas tem que ver se tá incubado ou não, né. Imagina se o cara não cuida e desperdiçar uma colherzinha de ração de frango por dia, são trinta e quatro milhões de colherzinha. [Vai mudar o resultado da empresa] Nós gastamos por dia de milho noventa mil sacos, dia. Em uma carreta cabe trinta mil quilos, né. Um saco tem sessenta quilos, quantas carretas dá por dia? Cento e oitenta carretas de milho. Já pensou. Aí que tá [o quanto tá] a economia de uma empresa, a empresa que hoje trabalha, por exemplo que sobra quatro por cento, quatro por cento, a cada cem frango abatido sobra quatro, cada cem suínos abatidos sobra quatro, é um bom resultado, quatro. O agricultor claro que pra ele não dá pra fazer em cidade pequena porque o [volume] dele é pequeno. Porque se tem um [volume] grande, quatro por cento é um bom resultado. Tanto é que agora, a BRF fechou o [balancete], é uma lei né que a gente [incompreensível], ela teve um prejuízo de dois virgula quatro por cento no primeiro semestre. É, sadia e perdigão. Resultado: até o presidente executivo foi mandado embora, porque deu prejuízo. A JBS tá os dois mandão lá na cadeia, [aquele bando de sem-vergonha, aquele vergonhoso lá não é fraco]. Wesley Batista e Joesley, eu conheço, eles bem, são muito gananciosos. Mas então tu vê, a gente tem que cuidar tão bem da empresa que tem que dar resultado, não adianta, quem que seja. Porque aqui atrás tem vinte e oito mil funcionários esperando o dia do pagamento. Vinte e oito mil

funcionários também estão esperando porque agora deu um resultadinho bom, nós estamos anunciando quanto que dá todos os meses pra eles, porque eles vão ganhar uma participação no resultado, o PR, né. Tão feliz da vida. Que vinte e oito mil funcionário não é pouco não, a folha de pagamento dá setenta e quatro milhões todo mês.

AB – É uma boa quantia.

MB – É quase uma Xaxim inteira trabalhando.

ML – É. É quase Xaxim inteira. Xaxim nós temos dois mil cento e quarenta funcionário, Xaxim. Que é o frigorífico que tá lá. Eu vou tá lá amanhã, pra dar um bate-papo na rádio, na rádio deles lá que pediram pra ir então vou lá.

MB – Tem mais alguma coisa?

AB – Eu acho que da minha parte seria isso.

MB – Sim, eu tô mais acompanhando então, a pesquisa dela, então.

ML – Eu sei, qualquer coisa se tu precisar também, mais esclarecimento, mas isso aí a história da suinocultura, foi evoluindo rápido até, bem rápido, porque [incompreensível] [mercado internacional] hoje, por exemplo, o status sanitário de Santa Catarina é melhor que da Argentina e do Uruguai, Paraguai. Melhor que do Rio Grande do Sul, melhor que o Paraná. O status sanitário de Santa Catarina hoje é igual o Chile, o Chile, né. Então é, igual o americano, sim claro, igual o do alemão, então a gente, Santa Catarina hoje tem uma [exportação] muito boa, apesar de ser pequena, muito exprimida aqui. Mas ela tem uma produção muito boa, [parecida com] o mundo inteiro.

MB – Então a gente gostaria de agradecer a participação do senhor na entrevista né, porque vai ajudar muito no trabalho dela.